Análise Psicológica (2014), 4 (XXXII): 419-437 doi: 10.14417/ap.698

Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes

Anabela Faria[*] / Pedro Lopes dos Santos[**] / Marina Fuertes[***]

[*] Hospital de Santo Espírito de Angra do Heroísmo; [**] FPCE da Universidade do Porto; [***] Escola Superior de Educação do IPL e Centro de Psicologia da Faculdade de Psicologia do Porto

No presente artigo de revisão quisemos explorar os papéis maternos e paternos no estabelecimento da vinculação e na qualidade da interação entre pais (pais e mães) e filhos nos primeiros dois anos de vida. Vários estudos recorrendo à Situação Estranha indicam que a vinculação segura é mais frequente em díades mãe-filho do que em díades pai-filho, e que as mães em média são mais sensíveis do que os pais. No entanto, a diversidade de estudos, metodologias e resultados permitem-nos reinterpretar o papel paterno. Adicionalmente, as medidas de avaliação da sensibilidade foram, na maioria dos casos, aferidas em estudos da relação mãe-filho(a) e não sabemos se integram a diversidade de comportamentos da relação pai-filho(a). Importa compreender e discutir as diferenças da vinculação com a mãe e com o pai no quadro mais amplo das relações da família.

Palavras-chave: Vinculação, Jogo, Mãe-filho(a), Pai-filho(a), Interações.

A vinculação é a relação preferencial entre a criança e a(s) sua(s) figura(s) materna(s), não necessariamente a mãe biológica mas quem lhe presta cuidados, oferece proteção e com quem desenvolve uma relação afetiva de referência (Bowlby, 1969/1982). Tradicionalmente, no seio da investigação sobre a vinculação a relação mãe-filho(a) tem sido mais estudada do que a relação pai-filho(a) (e.g., Frodi & Thompson, 1985; Huth-Boks, Levendosky, Bogat, & von Eye, 2004; Mills-Koonce et al., 2007; Pederson & Moran, 1996; Pederson, Gleason, Moran, & Bento, 1998; Poehlmann & Fiese, 2001; Raikes & Thompson, 2005; Slade, 1987; Tarabulsy et al., 2005). Contudo, o pai é uma figura de vinculação (e.g., Belsky, Gilstrap, & Rovine, 1984; Braungart-Rieker et al., 2001; Schoppe-Sullivan, 2006; Volling, McElwain, Notaro, & Herrea, 2002) e nas sociedades ocidentais verifica-se o aumento da implicação do pai na prestação de cuidados à criança (Coleman, Garfield, & Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health, 2004; Pordata, 2014). Assim, como se caracterizam os pais enquanto figuras de vinculação em comparação com as mães? E como cuidador? Que fatores explicam as possíveis diferenças? A presente revisão de literatura pretende reunir dados sobre a qualidade da vinculação entre pais e filhos e entre mães e filhos tentando evocar alguns elementos explicativos da vinculação com a figura materna e com a figura paterna.

Ao longo de mais de 40 anos, o campo de estudo da vinculação tem sido um dos mais produtivos da história da psicologia (em número de publicações e citações) e o ritmo não parece abrandar. Possivelmente, porque para além da organização dos comportamentos da vinculação,

---

Este estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (Bolsa de Investigação SFRH/BD/43549/2008 e pelo projeto PTDC/PSI_EDD/110682/2009) e comparticipado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Marina Fuertes, Escola Superior de Educação do IPL, Campus de Benfica do IPL, 1549-003 Lisboa. Email: marinaf@eselx.ipl.pt

por serem complexos (integrando *nature* e *nurture* numa mútua influência) ainda estejam por deslindar (e.g., Bakermans-Kranenburg, van IJzendoorn, Bokhorst, & Schuengel, 2004; Bokhorst et al., 2003; Fearon et al., 2006). Da nuvem de dados, resultam interpretações e abordagens teóricas distintas que coabitam e enriquecem a compreensão deste fenómeno. Esperamos com esta reunião e discussão de informação contribuir também para esta compreensão[1].

Relações de vinculação

Segundo Bowbly (1969/1982) o estabelecimento de relações de vinculação é, em si, um fenómeno normativo e universal na espécie humana. As crianças desenvolvem um laço afetivo com as figuras que lhes dispensam cuidados maternos. As figuras maternas são procuradas para obter conforto e segurança, em situações que a criança interpreta como ameaçantes bem como são uma retaguarda para explorar o meio (físico e social) quando o perigo não se avizinha[2]. O modo como a criança utiliza essas figuras enquanto fonte de segurança diferencia-se entre as díades (Ainsworth, 1965). Tais variações são concebidas como diferenças individuais da vinculação.

Sob o ponto de vista metodológico têm sido propostas várias abordagens, para estudar a qualidade da vinculação em diferentes períodos do desenvolvimento dos indivíduos (cf., Crowell, Fraley, & Shaver, 2008; George, Kaplan, & Main, 1996; Solomon & George, 2008). Mary Ainsworth foi a primeira autora a propor um sistema destinado a avaliar a qualidade da vinculação. Apresentou, assim, um procedimento laboratorial conhecido pelo nome de *Situação Estranha* (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) voltado para o estudo do comportamento da criança entre os 12 e os 20 meses. Este procedimento procura apreender a relação entre as respostas infantis de vinculação e de exploração ao longo de 8 episódios que instituem, progressivamente, condições de *stress* moderado, mediante manipulação da presença ou ausência de uma pessoa desconhecida (a Estranha) e a criação de momentos de separação da figura de vinculação.

Interpretados à luz das assunções teóricas de Bowlby (1969/1982), os dados obtidos no contexto dos episódios da *Situação Estranha*[3] permitem verificar as diferentes maneiras como as crianças utilizam a figura de vinculação enquanto base de exploração ou "porto de abrigo". Ainsworth e colegas (1978) identificaram e tipificaram três grandes padrões de vinculação: o B (*seguro*), o A (*inseguro-evitante*) e o C (*inseguro-resistente/ambivalente*). Dentro de cada um destes padrões são descritos vários subgrupos: A1 e A2; B1, B2, B3 e B4; C1 e C2.

O grupo da vinculação *segura* (padrão B) é o que possui uma prevalência maior na generalidade das amostras internacionais estudadas: oscilando os 50% e 75% (e.g., van IJzendoorn & Kroonenberg, 1988) e entre os 45-58% nas amostras nacionais (revisão em Fuertes, 2005). O bebé seguro é ativo nas brincadeiras, procura contacto quando se sente mais ansioso (mas após ser confortado retoma a exploração), partilha atitudes de afeto positivo à distância e pode chorar em caso de aflição sendo facilmente acalmado pela figura de vinculação.

Na vinculação denominada de *insegura/evitante* (padrão A), as crianças evitam a mãe nos episódios de reunião (Bowlby, 1969/1982), principalmente após a sua segunda breve ausência, e comportam-se, sobretudo durante as separações, de modo mais amigável com a estranha do que

---

[1] Clarificamos que usaremos a expressão "pais" ou "pai" para designar os pais do género masculino e quando usarmos o plural de pais será apresentada a seguinte designação "pais e mães".

[2] À excepção, apenas, de perturbações graves de alteração do desenvolvimento como nalguns casos do espectro do autismo ou situações muito graves de deficiência cognitiva.

[3] Esta metodologia tem sido validada através de outros estudos com amostras diversificadas e em contextos culturais diferentes (e.g., Solomon & George, 1999; van IJzendoorn & Kroonenberg, 1988; van IJzendoorn & Sagi, 2008).

com a própria mãe. Neste grupo o evitamento da proximidade e do contacto ocorre principalmente nos episódios de reunião. O evitamento geralmente é expresso pela ausência de procura de contacto ou por subtis comportamentos de distanciamento. A criança pode atrasar-se em responder à mãe, pode ignorá-la olhando para o lado oposto, passar perto dela sem se aproximar, dedicar-se exclusivamente à exploração dos brinquedos, rejeitar o contato físico (Ainsworth et al., 1978) ou, simplesmente mostrar um comportamento "*pressed lip*", que se traduz numa expressão muito subtil de raiva (Malatesta, Culver, Tesman, & Shepard, 1989). Quando a mãe estabelece contacto físico com a criança, esta tende a evitar olhar para ela, não fazendo qualquer esforço para manter o contato.

No tipo de vinculação *inseguro resistente/ambivalente* (padrão C) as crianças oscilam a procura da proximidade e contacto com a mãe e a resistência a esse mesmo contato (Bowlby, 1969/1982). Estas crianças não usam a mãe como base segura para explorar o novo espaço e podem iniciar a procura do contacto antes da mãe se ausentar. Quando o adulto cuidador se ausenta, as crianças podem ficar irritadas e ansiosas, não sendo fácil para a figura de vinculação acalmá-las.

Vários estudos verificaram que nem todas as crianças observadas, no âmbito da Situação Estranha, se enquadravam dentro da tipologia A/B/C e geraram novas tipologias (e.g., Crittenden, 1985; Lyons-Ruth, Connell, Zoll, & Stahl, 1997; Main & Weston, 1981; Radke-Yarrow, Cummings, Kuckzinsky, & Chapman, 1985). Previamente, Ainsworth e colegas (1978) tinham relatado a dificuldade ou, até, a impossibilidade de classificarem cerca de 5% dos casos nas amostras não clínicas. Nestes casos as crianças exibem elevada perturbação e comportamentos atípicos, desorientados ou sem aparente coerência. Mais tarde, van IJzendoorn (1992) assinala em revisão metanalítica da literatura uma percentagem três vezes superior (média de cerca de 15%). A incidência de casos inclassificáveis revelava-se particularmente elevada quando as amostras incluíam crianças assinaladas com situações de maltrato ou outras condições de risco psicossocial. Assim, desenvolvimentos posteriores na classificação da vinculação viram surgir novas propostas de classificação que expandiam o número dos padrões originalmente descritos tais como o padrão D-Desorganizado/Desorientado proposto por Main e Solomon (1986), U-A identificado por Lyons-Ruth e colegas (1997), A+, C+ e A/C proposto por Crittenden (ver revisão em Fuertes, 2011).

No entanto, não trataremos neste artigo dessas propostas e procuraremos circunscrever a revisão a estudos realizados com a situação estranha (embora existam outras metodologias validadas como o Q-Sort), por facilitar a comparação dos resultados dos estudos limitando a diversidade dos contextos de recolha de dados. Tentamos, igualmente, limitar a revisão sobre a vinculação a estudos que incluam amostras paternas e maternas.

O estudo da qualidade da vinculação assumiu marcada influência na psicologia do desenvolvimento, com o acumular de evidências que consistentemente apontam para uma relação entre a segurança da vinculação estabelecida no primeiro ano de vida e o desenvolvimento subsequente (infantil e juvenil) (em termos de *desempenhos* ver revisão em Sigelman, 1999, van IJzendoorn, Juffer, & Klein Poelhuis, 2005 *e para competências sociais* ver Weinfield, Sroufe, Egeland, & Carlson, 2008).

Pais e mães enquanto figuras de vinculação

Bowlby (1969) postulou a teoria da vinculação recorrendo a uma perspetiva evolutiva e etológica da relação mãe-filho. Contudo, posteriormente Bowlby (1982) referiu que esta figura materna não tinha de ser necessariamente a mãe biológica, admitindo que o pai pode desempenhar este papel. Ainsworth (1967), enfatizando que a mãe não constitui a única pessoa com quem a criança estabelece relações de vinculação, observou fortes ligações entre o bebé e o pai ao longo do seu estudo efectuado no Uganda, mesmo quando os contactos eram pouco frequentes: "*It seemed to be especially to the father that these other attachments were formed, even in the cases*

of babies who saw their fathers relatively infrequently. One can only assume that there was some special quality in the father's interaction with his child – whether of tenderness or intense delight – which evoked in turn a strength of attachment disproportionate to the frequency of his interaction with the baby" (p. 352).

Estas ideias ganham fundamento empírico em vários estudos sobre a vinculação pai-filho que recorrendo à Situação Estranha conseguem a identificação de padrões de segurança ou insegurança como nas díades mãe-filho (para revisão ver Lucassen et al., 2011). Não obstante, os estudos comparativos entre a qualidade da vinculação mãe-filho e pai-filho revelam que o padrão de relacionamento seguro é mais provável nas díades mãe-filho (consultar Quadro 1). Contudo, a introdução da classificação D parece atenuar ou mesmo alterar as diferenças na incidência da segurança com a mãe e com o pai.

QUADRO 1

Percentagem dos tipos de vinculação em estudos com diades mãe-filho(a) e pai-filho(a)

	Diades Mãe-Filho(a)				Diades Pai-filho(a)			
	Tipo A	Tipo B	Tipo C	Tipo D outro	Tipo A	Tipo B	Tipo C	Tipo D
Portugal Faria (2011)								
12M	27,3	53,2	19,5	–	34,3	41,8	23,9	–
18M	27,3	66,7	6	–	40,9	49,9	9,2	–
USA Laurent, Kim, & Capaldi (2008)	21	49	21	9	34	46	14	6
USA Braungart-Rieker, Garwood, Powers, & Wang (2001)	10,6	78,8	10,6	-	8,1	67,5	24,4	–
USA Braungart-Rieker, Courtney, & Garwood., 1999	11,7	76,6	11,7	–	9,1	64,9	26,0	–
UK Steele, Steele, & Fonagy (1996)	27,8	57,8	5,5	8,9	27,3	68,2	0	4,5
USA Cox, Owen, Henderson, & Margand (1992)	NE	54	NE	NE	NE	47	NE	NE
USA Easterbrooks (1989)								
13M	7	63	21	9	19	63	10	8
20M	16	71	10	3	20	73	7	0

Nota. NE –Não especificado.

Se existem diferenças entre a qualidade da vinculação mãe-filho(a) e pai-filho(a), que fatores poderão contribuir para estas diferenças entre pais e mães?

Sensibilidade materna e paterna

Embora a vinculação tenha de ser entendida num quadro compreensivo sistémico resultando de múltiplos fatores e interações, o antecedente isolado mais fortemente associado à qualidade da vinculação segura é a *sensibilidade materna* (De Wolf & van IJzendoorn, 1997). A sensibilidade foi definida como a capacidade do adulto "*(...) to perceive and to interpret accurately the signals and communications implicit in her infant's behavior, and given this understanding, to respond to them appropriately and promptly*" (Ainsworth, Bell, & Stayton, 1974, p. 127). Segundo a autora a sensibilidade comporta quatro aspectos fundamentais: (i) capacidade para perceber os sinais exteriorizados pela criança; (ii) capacidade para os interpretar correctamente; (iii) adequação das respostas dadas; (iv) prontidão dessas mesmas respostas. Será diferente a sensibilidade materna da sensibilidade paterna?

A literatura indica que, em média, a sensibilidade materna é superior à paterna (Volling, McElwain, Notaro, & Herrera, 2002). Até recentemente, era dúbia a relação entre sensibilidade paterna e segurança na vinculação infantil. De facto, alguns estudos não encontraram resultados significativos entre a qualidade da interação dos pais e a segurança da vinculação com o pai (Caldera, Huston, & O'Brien, 1995; Grossmann & Grossmann, 1992; Schneider, Rosen, & Rothbaum, 1993). Outras investigações, pelo contrário, indicam uma correlação significativa entre a sensibilidade paterna e segurança da vinculação (Cox, Owen, Henderson, & Margand, 1992; Goossens & van IJzendoorn, 1990).

Em 2011, mais uma meta-análise de van IJzendoorn e a sua equipa, reunindo três décadas de investigação, desfez a dúvida ao encontrar uma associação (ainda que fraca) entre a qualidade de resposta dos pais e a vinculação (Lucassen et al., 2011). No entanto, a associação entre a sensibilidade materna e a segurança da vinculação é moderada (r=.23) enquanto esta associação em díades paternas é fraca (r=.13).

As diferenças entre os pais e as mães são corroboradas pela fraca associação entre a qualidade da vinculação mãe-filho e pai-filho (r=.17). Por outras palavras, é possível (e provável) que uma criança possa ter um relacionamento seguro com um dos pais e inseguro com o outro (de Wolf & van IJzendoorn, 1997).

Contudo, a qualidade da vinculação pai-filho parece ser um fator importante para o desenvolvimento e bem estar infantil (e.g., Lamb, 1997; Lamb & Lewis, 2004). Alguns estudos indicam que as crianças que estabelecem relações seguras com os seus pais tendem a apresentar menos problemas de comportamento (Vershueren & Marcoen, 1999), maior sociabilidade (Sagi et al., 1985) e relações mais recíprocas com os seus pares (Veríssimo et al., 2011). Por outro lado, a literatura indica que a ausência do pai ou que a relação pai-filho(a) insensível afetam o desenvolvimento socioemocional da criança e do jovem (Grossmann, Grossmann, & Kindler, 2005 para uma revisão). Outros autores, como Lamb (2012) sugerem que o género dos pais não é uma variavel crítica no bem estar ("adjusment") dos filhos. Enquanto a qualidade das relações entre pais e filhos e entre os próprios pais e adultos significativos na vida das crianças, tendo em conta os recursos sócio-económicos disponíveis, têm um papel determinante.

Um estudo realizado pela equipa de Grossmans e colegas (2002) indicou que o impacto do comportamento parental é maior a longo prazo (aos 10 anos de idade) abrindo a porta à compreensão do papel do pai como dinâmico mas crucial.

Em suma, os papéis dos pais e das mães podem ser diferentes mas são complementares e igualmente relevantes para o desenvolvimento infantil!

Tarefas e papéis maternos e paternos

Parke e Sawin (1976) observaram as mães e os pais enquanto estes alimentavam os seus filhos e concluíram que os pais eram capazes de realizar esta tarefa com a mesma eficiência e

sensibilidade que as mães. Igualmente, outras investigações indicam que os pais que participam (e escolhem participar) nas rotinas familiares realizam com a mesma proficiência a prestação de cuidados às crianças (Belsky, Gistrap, & Rovine, 1984; Lamb, 1981; Parke & Tinsley, 1981). Com efeito, a questão colocada por alguns autores é qual das seguintes variáveis mais pesa na organização da vinculação: o tempo dedicado pelo pai e pela mãe nos cuidados e interação com os filhos ou o género dos pais?

Na maioria das culturas, constata-se que as mães passam mais tempo com os filhos do que os pais (Hewlett, 1992; Parke & Buriel, 2006; Phares, 1996), embora, os pais comecem a passar mais tempo a brincar com os filhos (Coleman, Garfield, & Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health, 2004; Prodata, 2014), principalmente quando se trata do primeiro filho (Michale, 2007). Quando comparados com as mães, os pais, ainda continuam a passar menos tempo com os filhos, principalmente dos 0 aos 2 anos (Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001) e a ter menor responsabilidade nos cuidados infantis (Lamb & Oppenheim, 1989), principalmente nas culturas ocidentais (Cooksey & Fondell, 1996; Yeung et al., 2001).

Alguns trabalhos compararam pais "cuidadores primários" (definidos como aqueles que atribuíam 20 ou mais horas por semana de cuidados à criança) *versus* pais que não desempenham cuidados primários à criança. Os resultados indicam que os pais que assumem o papel de cuidador primário apresentam interações igualmente positivas e com a mesma atmosfera de prazer comparativamente às mães (Lewis et al., 2009; Yogman, 1982).

Em 2010, uma investigação realizada em Portugal, por Monteiro e colegas, indicou que a participação dos pais na prestação de cuidados e em atividades de jogo e lazer estava associada a scores mais elevados de segurança avaliados através do Attachment Q-sort (AQS; Waters, Vaughn, & Egeland, 1980). Posteriormente, outra investigação nacional (desenvolvida com a Situação Estranha) indicou que a qualidade do tempo passado com a criança foi mais importante do que a quantidade do tempo (Faria, Lopes-dos-Santos, Beeghly, & Fuertes, in press). Este último estudo indicou que as mães mais dedicadas a brincar e a passear com os filhos (em oposição às mães menos dedicadas a estas tarefas[4]) tendiam a estabelecer uma vinculação segura e uma interação positiva com as crianças. No grupo dos pais, aqueles que passavam mais tempo a prestar cuidados básicos aos filhos tendiam a obter scores mais elevados na qualidade da interação e os filhos a desenvolverem com eles uma relação segura.

Comportamentos maternos e paternos de acordo com o género da criança

Parecem existir diferenças no modo como os pais interagem com os filhos e as filhas. Alguns autores relatam que os pais encorajam mais os filhos a participar em brincadeiras masculinas (típicas dos rapazes) e as filhas em brincadeiras femininas (típicas das raparigas) (Snow, Jacklin, & Maccoby, 1983). As mães tendem a tratar igualitariamente os filhos e as filhas, enquanto os pais adaptam o seu estilo parental, aos filhos e às filhas (Brundin, Rodholm, & Larsson, 1988; Lytton & Romney, 1991). De facto, os pais interagem em jogos e brincadeiras mais físicas, ativas (Feldman, 2003; Rohner & Veneziano, 2001) e imprevisíveis (Parke, 1995) com os filhos do que com as filhas (Jacklin, DiePietro, & Maccoby, 1984; MacDonald & Parke, 1986), e têm uma maior satisfação parental, após 12 a 16 semanas do nascimento, com os filhos (Hudson, Elek, & Ofe Fleck, 2001). Por seu lado, as mães interagem em mais jogos simbólicos (Langlois & Downs, 1980; Tamis-LeMonda & Bornstein, 1991) e estão mais disponíveis emocionalmente (Volling et al., 2002) com as filhas.

---

[4] Tendo havido uma grande prevalência de mães desempregadas, o estatuto de estar ou não empregada (ter ou não tempo para brincar com a criança) não afetou os resultados. Assim, não foram necessariamente as mães com mais tempo que brincaram com os seus filhos.

Weinberg, Tronick, Cohn e Olson (1998) verificaram que era mais fácil reparar a interação nas díades mãe-filha do que nas díades mãe-filho. Apesar dos rapazes estarem inicialmente mais sincronizados com a mãe durante o jogo do que as raparigas, quando a mãe se tornava não responsiva, os rapazes mostravam-se bastante reativos exibindo mais afeto negativo. Ao contrário, as raparigas evidenciavam maior capacidade de auto-regulação na ausência de resposta materna (*op. cit.*). Alguns estudos referem maior sincronia nas díades do mesmo género (e.g., pai-filho ou mãe-filha) (Manlove & Vernon-Feagans, 2002). Outros estudos mostram que as raparigas são significativamente mais responsivas às vocalizações maternas do que os rapazes (Gumnar & Donahue, 1980). Por seu lado, as mães são mais rápidas a responder às expressões faciais das raparigas (Haviland, 1977).

Assim, o conjunto dos estudos sobre a qualidade de interação mãe-filho/filha e pai-filho/filha revela que existem diferenças nos comportamentos dos pais e das mães mediadas pelo género da criança. No entanto, no que respeita à vinculação o género da criança tem sido pouco discutido como variável relevante. Com efeito, a maioria dos estudos com a mãe ou com o pai como figura de vinculação não têm indicado diferenças significativas consoante o género da criança (para revisão ver, Grossman, Grossman, Kindler, & Zimmermann, 2008).

Contexto das relações de vinculação

Posterior a Bowbly e Ainsworth, os teóricos da vinculação recorrem cada vez mais a abordagens multisistémicas, ecológicas e transacionais para explicar a qualidade da vinculação longe de uma causalidade direta, apenas, centrada na sensibilidade materna (e.g., Belsky, 2005; Cicchetti & Barnett, 1991; Crittenden, 2000; Sroufe, 1996). Entre as várias causas aduzidas para explicar a qualidade do relacionamento entre as figuras maternas e a criança contam-se as *experiências de vinculação da mãe* (Benoit & Parker, 1994; Fonagy, Steele, & Steele, 1991; Fonagy, Steele, Moran, Steele, & Higgitt, 1993; Levine, Tuber, Slade, & Ward, 1991; Slade & Cohen, 1996; Ward & Carlson, 1995), *e do pai* (Grossmann et al., 2002) vividas durante as suas infâncias. Os pais que se lembram de terem tido pais atenciosos (Sagi, 1982) e implicados nos cuidados básicos (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000) mostraram-se mais envolvidos nos cuidados parentais (Cohn, Cowan, Cowan, & Pearson, 1992). O mesmo foi observado com as mães, isto é, as mães que referiram terem tido mães estáveis, disponíveis, carinhosas e competentes nos cuidados, mostraram uma maior tendência para terem vinculações seguras com os(as) seus(suas) filhos(as) (Morris, 1980).

Outro elemento importante na segurança da vinculação mas, apenas, com um impato indireto é a *relação marital* dos pais. Com efeito, o conflito entre pais e mães parece afetar o comportamento materno e paterno (e.g., Tarabulsy et al., 2005; Tomlinson, Cooper, & Murray, 2005). Tal reflete-se, posteriormente, na qualidade da vinculação (e.g., Cowan et al., 2005; Edwards, Eiden, & Leonard, 2006; Solomon & George, 1999). Igualmente, a participação dos pais nas tarefas diárias e nos cuidados à criança parece ser um factor mediador da sensibilidade materna (e.g., Barnett & Baruch, 1987; Neville & Parke, 1979; Parke & Buriel, 1998).

Igualmente importante é a *satisfação profissional* dos pais. As mães que indicam ter muito stress profissional ou más condições profissionais como horários irregulares (Parke et al., 2004; Raver, 2003; Repetti & Wood, 1997), ou que identificam o trabalho como pouco reconhecido socialmente (Menaghan, 1983; Raver, 2003; Repetti & Wood, 1997) têm maior dificuldade em desenvolverem relações positivas com os seus filhos e estes tendem a apresentar um desenvolvimento menos ajustado (Felfe & Hsin, 2012). Pelo contrário, as mães com maior satisfação profissional são descritas na literatura como mais "divertidas" nas brincadeiras, entregues no relacionamento com os filhos, descontraídas e alegres (National Institute of Child Health and Human Development [NICHD] Early Child Care Research Network, 2000; ver

também Horn, 2000, para revisão). No caso dos pais, o número de horas de trabalho medeia o envolvimento parental (Barnett & Baruch, 1987; Brown, McBride, Bost, & Shin, 2011).

A *depressão* materna tanto como a depressão paterna afetam significativamente o relacionamento afetivo dos pais e das mães com os filhos (e.g., Wilson & Durbin, 2010). Um vasto corpo de literatura indica que a depressão materna é fator de risco para a segurança na vinculação e que está associada a piores desempenhos desenvolvimentais (meta-análises: Atkison, Atkison, Smith, Bem, & Nolen-Hocksema, 2000; Belsky & Jaffe, 2006 para revisão; Martins & Graffan, 2000). Alguma literatura indica que a depressão materna é um fator de maior adversidade do que a depressão paterna (e.g., Connell & Goodman, 2002; Kane & Garber, 2004; Klein, Astrachan, & Smyrnios, 2005; Ramchandani, Stein, Evans, & O'Connor, 2005). Contudo, pais deprimidos em comparação com pais sem depressão diagnosticada tendem a apresentar mais alterações de humor, comportamentos negativos, intrusividade e afastamento psicológico (Wilson & Durbin, 2010).

Outro fator que poderá influenciar a segurança na vinculação prende-se com o *estatuto socioeconómico da família* (Braungart-Rieker, Courtmey, & Garwood, 1999; Chase-Lansdale & Owen, 1987; Rooparine, Fouts, Lamb, & Lewis-Elligan, 2005; Volling & Belsky, 1992). Fuertes, Faria, Soares e Crittenden (2008) referem que esta condição pode ter um poderoso impacto na qualidade da interação mãe-filho(a), ainda maior que a prematuridade ou problemas de saúde. Possivelmente, porque a condição de pobreza está associada a várias adversidades como a baixa escolaridade, problemas de saúde, desemprego e outras.

No que concerne à *escolaridade dos pais (pais e mães)* verifica-se que o aumento de anos de escolaridade dos pais está associado a relações seguras (Pederson & Moran, 1996). As mães com mais anos de escolaridade são tendencialmente mais sensíveis e perspicazes em interpretar os sinais emitidos pela criança (Fuertes, Faria, Oliveira-Costa, Corval, & Figueiredo, 2009), dedicam mais tempo a cuidar e a brincar com os filhos (Pederson, Gleason, Moran, & Bento, 1998), tendem a ser mais rápidas e eficientes nas respostas prestadas às solicitações das crianças (Silva, Del Prette, & Del Prette, 2002). Por outro lado, as mães com menos anos de escolaridade podem ser mais controladoras interferindo com maior frequência nas ações das crianças (Silva et al., 2002).

Nesta revisão não exaustiva dos fatores que podem condicionar o comportamento dos pais verificamos que fatores ligados à família como a relação marital, a satisfação profissional, o nível sócioeconómico ou a escolaridade das mães contribuem para a parentalidade em geral e para a qualidade da vinculação. Igualmente, fatores associados aos pais como a depressão, a idade das mães (especialmente mães adolescentes; e.g., Moran, Forbes, Evans, Tarabulsy, & Madigan, 2008), fatores associados à criança como a prematuridade (e.g., Fuertes, Lopes dos Santos, Beeghly, & Tronick, 2006, 2009), problemas graves de saúde ou alguns tipos de incapacidade podem contribuir para a diferenciação (e.g., Olrick, Pianta, & Marvin, 2002) da parentalidade e o aumento da prevalência da vinculação insegura (ver revisão em Lopes dos Santos & Fuertes, 2005). Em síntese, a parentalidade é o produto das relações estabelecidas no seio da família e da ecologia de multi-influências que a afetam e, a parentalidade é o contexto onde as relações da vinculação se estabelecem.

DISCUSSÃO FINAL

Nos últimos anos os investigadores e desenvolvimentalistas tomaram em conta o facto da família ser um sistema no qual todos contribuem para a sua homeostasia (incluindo o pai). Um vasto corpo de literatura indica que o papel do pai ou da mãe, não pode ser apenas explicado pela atuação direta com a criança (revisão em George & Solomon, 2008; Monteiro & Veríssimo, 2010).

Com efeito, a relação conjugal, suporte formal e informal dado à família bem como fatores pessoais e sociais são importantes mediadores e moderadores da sensibilidade dos adultos.

Para além dos dados da vinculação em que se encontram diferenças entre pais e mães (ainda por explicar), a literatura tem caraterizado as mães e os pais como parceiros distintos de interação. Geiger (1996) refere que as mães usam com maior frequência o contacto físico, as demonstrações afetivas explícitas e a verbalização nas interações com os filhos, enquanto as interações pais-filhos revestem-se tipicamente de brincadeiras emocionantes, divertidas, robustas e fisicamente estimulantes (Clarke-Stewart, 1978; Crawley & Sherrod, 1984; Lamb, 1977). Os pais foram descritos como mais assertivos (Leaper, 2000) e menos responsivos aos desejos dos filhos (Power, 1985; Power & Parke, 1983). Na comunicação, os pais parecem ser mais diretos quando pedem algo aos filhos (e.g., dá-me o carro), enquanto as mães optam pela *negociação* (e.g., se comeres tudo deixo-te ver televisão), pelo *afeto* (e.g., querido dás a mão à mamã?) ou pela *justificação* (e.g., come tudo para poderes ir brincar mais depressa) (Power, McGrath, Hughes, & Manire, 1994). Não obstante, os papéis maternos e paternos estão em mudança, com a alteração do papel da mulher na sociedade ocidental e os dados que tipificam os papéis maternos e paternos podem vir a ganhar novos contornos (Biller, 1993; Lamb 1992; Parke, 1996; Prado & Vieira, 2003). Desta alteração de papéis, especulamos que resultem mudanças para a parentalidade e para a qualidade interativa dos pais, e subsequentemente para a qualidade da vinculação.

Numa pequena investigação exploratória desenvolvida em Portugal (Alves, Fuertes, & Sousa, 2014, in press) com as mães e pais de crianças com 15 meses, as mães exibiam quase cerca de 5 vezes mais comportamentos verbais (significando, expandindo e reelaborando as verbalizações da criança), o dobro do toque e dos comportamentos afetivos. Os pais, por seu lado, seguiram com maior frequência os interesses da criança e aceitaram mais as suas escolhas de atividade (ao contrário do descrito anteriormente na literatura). Na Alemanha, um grupo de investigadores na área da educação de infância quis estudar se o género tinha impacto na qualidade de interação de educadores e de educadoras com as crianças (Brandes, Andra, Roseler, & Schneider-Andrich, 2012). Educadores e educadoras (com a mesma experiência e formação profissional) eram convidados a brincarem em laboratório com crianças entre os 3 e os 6 anos. Os resultados indicaram que os educadores e educadoras escolheram os mesmos materiais e desenvolveram com as crianças projetos semelhantes. Na verdade, não se encontraram diferenças significativas entre estes profissionais. Os autores sugerem que a formação profissional teria um papel dissuasor das diferenças de género, considerando que elas se devem mais a fatores sociais e culturalmente "aprendidos".

Colocam-se, naturalmente, questões metodológicas que importam ainda discutir especialmente no seio da Situação Estranha. Alguns estudos aplicam o procedimento experimental aos 12 meses com um dos pais e com o outro passados 13 meses, quando não está demonstrado que a criança não recorde (ao longo da segunda situação experimental) a experiência prévia vivida um mês antes. Noutros estudos são usadas amostras independentes e ainda outros recorrem a pequenas adaptações da Situação Estranha com maior ou menor validação. Esta diversidade metodológica no seio da Situação Estranha pode contribuir para o conhecimento da vinculação em diversas condições. Com efeito, a maioria dos estudos independentemente da metodologia aplicada indicam diferenças na vinculação à mãe e ao pai mas não em todos. Porém, para acumular um corpo de conhecimento robusto e consistente que nos permita avançar para fases mais complexas de análise, por ventura serão necessárias novas reformulações metodológicas capazes de responder às limitações atuais.

Nos estudos das interações pais-criança a diversidade metodológica é enorme partindo de conceitos e construtos distintos, recolhida em situações laboratoriais, de jogo livre ou em contexto natural, e com sistemas de cotação muito diversos. Faria, Lopes-dos-Santos, Beeghly e Fuertes (in press) questionam a adequação destes sistemas de cotação para avaliar a relação pai-filho que

foram desenvolvidos originalmente a partir de observações da relação mãe-filho. Não sabemos se estas escalas integram a diversidade de comportamentos dos pais com as crianças e das crianças com os pais.

A investigação da vinculação com o pai e com a mãe tem, entre outros, o mérito de indicar que a mesma criança pode estabelecer uma relação segura com um pai e insegura com outro pai, comprovando a flexibilidade e labilidade da organização dos processos de vinculação prevista por Bowbly (1969/1982). Para os profissionais da intervenção precoce esta é também uma informação valiosa! Os técnicos não devem, apenas, recolher informação sobre a relação mãe-filho mas também pai-filho. Mais, com base nos estudos desenvolvidos por Veríssimo, Monteiro e Santos (2006) devem observar e descrever o funcionamento da tríade (pai e mãe em interação conjunta com a criança).

Longe de encontrarmos respostas, ficam perguntas que podem estimular novos estudos: Em que medida as diferenças da vinculação associadas ao género dos pais são afetadas pela cultura? Em que medida os fatores de risco afetam a vinculação com o pai e a interação pai-filho? Qual a natureza específica das relações e interações entre pais com as filhas e com os filhos?

REFERÊNCIAS

Ainsworth, M. D. (1965). Further research into the adverse effects of maternal deprivation. In J. Bowlby (Ed.), *Child care and growth of love* (pp. 191-235). London: Penguin Book.

Ainsworth, M. D. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Ainsworth, M. D., Bell, S., & Stayton, D. (1974). Infant mother attachment and social development: "Socialization" as a product reciprocal responsiveness to signals. In M. P. Richards (Ed.), *The integration of a child into a social world* (pp. 99-135). London: Cambridge University Press.

Ainsworth, M. D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment – A psychological study of the strange situation.* New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Alves, M. J., Fuertes, M., & Sousa, O. (2014). Estudo da qualidade da interação e da fala dirigida por pais e mães. *Atas do VII Encontro Nacional da Língua Portuguesa, 7*, 16-17.

Atkison, R. L., Atkison, R. C., Smith, E. C., Bem, D. J., & Nolen-Hocksema, S. (2000). *Hilgard's introduction to psychology*. New York: Harcourt College Publishers.

Bakermans-Kranenburg, M. J., van IJzendoorn, M. H., Bokhorst, C. L., & Schuengel, C. (2004). The importance of shared environment in infant-father attachment: A behavioral genetic study on the Attachment Q-Sort. *Journal of Family Psychology, 18*, 545-549. doi: 10.1037/0893-3200.18.3.545

Barnett, R. C., & Baruch, G. K. (1987). Determinants of fathers' participation in family work. *Journal of Marriage and the Family, 47*, 29-40. doi: 10.2307/352667

Belsky, J. (2005). Attachment theory and research in ecological perspective. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 71-97). New York: Guilford Press.

Belsky, J., Gilstrap, B., & Rovine, M. (1984). The Pennsylvania infant and family development project: I. Stability and change in mother-infant and father-infant interaction in a family setting at one, three, and nine months. *Child Development, 55*, 692-705. doi: 10.1111/j.1467-8624.1984.tb03808.x

Belsky, J., & Jaffe, S. R. (2006). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology. Vol. 3: Risk, disorder, and adaptation* (pp. 38-85). Hoboken, NJ: John Wiley.

Benoit, D., & Parker, K. (1994). Stability and transmission of attachment across generations. *Child Development, 65*, 1444-1456. doi: 10.1111/j.1467-8624.1994.tb00828.x

Biller, H. B. (1993). *Fathers and families.* Westport, CT: Aubum House.

Bokhorst, C. L., Bakermans-Kranenburg, M. J., Fearon, R. M., van IJzendoorn, M. H., Fonagy, P., & Schuengel, C. (2003). The importance of shared environment in mother-infant attachment security: A behavioral genetic study. *Child Development, 74*, 1769-1782.

Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss* (Vol. I). London: Penguin Book.

Brandes, H., Andra, M., Roseler, W., & Schneider-Andrich, P. (2012). *Does the gender make a difference? Tandem study on pedagogical activity of female and male ECE workers*. Comunicação apresentada no 22th EECERA Conference, Porto, Portugal.

Braungart-Rieker, J., Courtney, S., & Garwood, M. M. (1999). Mother-and-father-infant attachment families in context. *Journal of Family Psychology, 13*, 535-553. doi: 10.1037/0893-3200.13.4.535

Braungart-Rieker, J. M., Garwood, M. M., Powers, B. P., & Wang, X. (2001). Parental sensitivity, infant affect, and affect regulation: Predictors of later attachment. *Child Development*, *72*, 252-270. doi: 10.1111/1467-8624.00277/abstract

Brown, G. L., McBride, B. A., Bost, K. K., & Shin, N. (2011). Parental involvement, child temperament, and parents' work hours: Differential relations for mothers and fathers. *Journal of Applied Developmental Psychology*, *32*, 313-322. doi: 10.1016/j.appdev.2011.08.004

Brundin, K., Rodholm, M., & Larsson, K. (1988). Vocal communication between parents and infants. *Early Human Development, 16*, 35-53. doi: 10.1016/0378-3782(88)90085-0

Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development, 71*, 127-136. doi: 10.1111/1467-8624.00126

Caldera, Y., Huston, A., & O'Brian, M. (1995). *Antecedents of father-infant attachment: A longitudinal study.* Paper presented at the biennial meeting of the Society for Research in Child Development. Indianapolis, IN.

Chase-Lansdale, L., & Owen, M. T. (1987). Maternal employment in a family context: Effects on infant-mother and infant-father attachments. *Child Development, 58*, 1505-1512. doi: 10.2307/1130690

Clarke-Stewart, K. A. (1978). And daddy makes three: The father's impact on mother and young children. *Child Development, 49*, 466-478. doi: 10.2307/1128712

Cicchetti, D., & Barnett, D. (1991). Attachment organization in maltreated preschoolers. *Development and Psychopathology, 3*, 397-411. doi: org/10.1017/S0954579400007598

Cohn, D. A., Cowan, P. A., Cowan, C. P., & Pearson, J. (1992). Mothers' and fathers' working models of childhood attachment relationships, parenting styles, and child behavior. *Development and Psychopathology, 4*, 417-431. doi: 10.1017/S0954579400000870

Coleman, W. L., Garfield, C., & Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health. (2004). Fathers and pediatricians: Enhancing men's roles in the care and development of their children. *Pediatrics, 5*, 1406-1411. doi: 10.1542/peds.113.5.1406

Connell, A. M., & Goodman, S. H. (2002). The association between psychopathology in fathers versus mothers and children's internalizing and externalizing behavior problems: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 128*, 746-773. doi: 10.1037/0033-2909.128.5.746

Cooksey, E. C., & Fondell, M. M. (1996). Spending time with his kids: Effects of family structure on fathers and children's lives. *Journal of Marriage Family, 58,* 693-707. doi: 10.2307/353729

Cowan, N., Elliott, E., Saultsa, J. S., Moreya, C. C., Mattox, S., Hismjatullinaa, A., & Conway, A. R. A. (2005). On the capacity of attention: Its estimation and its role in working memory and cognitive aptitudes. *Cognitive Psychology, 51*, 42-100. doi: 10.1016/j.cogpsych.2004.12.001

Cox, M. J., Owen, M. T., Henderson, V. K., & Margand, N. A. (1992). Prediction of infant-father and infant-mother attachment. *Developmental Psychology*, *28*, 474-483. doi: 10.1037/0012-1649.28.3.474

Crawley, S. B., & Sherrod, R. B. (1984). Parent-infant play during the first year of life. *Infant Behavior and Development, 7*, 65-75. doi: 10.1016/S063-6383(84)80023-5

Crittenden, P. (1985). Social networks, quality of child rearing, and child development. *Child Development, 56*, 1299-1313. doi: 10.1111/j.1467-8624.1985.tb00198.x

Crittenden, P. M. (2000). A dynamic-maturational exploration of the meaning of security and adaptation: Empirical, cultural and theoretical considerations. In P. M. Crittenden & A. H. Claussen (Eds.), *The organization of attachment relationships: Maturation, culture and context* (pp. 358-384). New York: Cambridge University Press.

Crowell, J. A., Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2008). Measures of individual differences in adolescent and adult attachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 599-634). New York: Guildford Press.

De Wolff, M. S., & van IJzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: A meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, *68*, 571-591. doi: 10.2307/1132107

Easterbrooks, M. A. (1989). Quality of attachment to mother and to father: Effets of perinatal risk status. *Child Development, 60*, 825-830.

Edwards, E. P., Eiden, R. D., & Leonard, K. E. (2006). Behavior problems in 18 to 36 month old children of alcoholic fathers: Secure mother-infant attachment as a protective factor. *Development and Psychopathology, 18*, 395-407. doi: 10.1017/S0954579406060214

Faria, A. (2011). *Continuidade e desenvolvimento dos processos de vinculação à mãe e ao pai durante os primeiros 18 meses de vida*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação.

Faria, A., Lopes dos Santos, P., Beeghly, M., & Fuertes, M. (in press). *The effects of parental sensitivity and involvement in caregiving on mother-infant and father-infant attachment in a Portuguese sample*.

Fearon, R. M. P., van IJzendoorn, M. H., Fonagy, P., Bakermans-Kranenburg, M. J., Schuengel, C., & Bokhorst, C. L. (2006). In search of shared and nonshared environmental factors in security of attachment: A behavior-genetic study of the association between sensitivity on attachment security. *Developmental Psychology, 42*, 1026-1040.

Feldman, R. (2003). Infant-mother and infant-father synchrony: The regulation of positive arousal. *Infant Mental Health Journal*, *24*, 1-23. doi: 10.1002/imhj.10041/abstract

Felfe, A. C., & Hsin, A. (2012). Maternal work conditions and child development. *Economics of Education Review*, *31*, 1037-1057. doi: 10.1016/j.earlhumdev.2013.01.012

Fonagy, P., Steele, H., & Steele, M. (1991). Maternal representation of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development, 62*, 891-905. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01578.x

Fonagy, P., Steele, M., Moran, G., Steele, H., & Higgitt, M. D. (1993). Measuring the ghost in the nursery: An empirical study of the relation between parents' mental representation of childhood experiences and their infants' security of attachment. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 41*, 957-989.

Frodi, A., & Thompson, R. (1985). Infants' Responses in the strange situation: Effects of prematurity and quality of attachment. *Child Development*, *56,* 1280-1290. doi: 10.1111/j.1467-8624.1985.tb00196.x

Fuertes, M. (2005). *Rotas da Vinculação – O desenvolvimento do comportamento interativo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebé prematuro.* Tese de Doutoramento. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto.

Fuertes, M. (2011). Estudo exploratório sobre a classificação da vinculação atípica: Desorganização ou adaptação? *Psychologica, 52*, 349-370.

Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., & Crittenden, P. (2008). Mother-child patterns of interaction: The impact of premature birth and social economical background. *Actha Ethologica*, *12*, 1-11. doi: 10.1027/1016-9040.14.4.320

Fuertes, M., Faria, A., Soares, H., Oliveira-Costa, A., Corval, R., & Figueiredo, S. (2009). Dois parceiros, uma só dança: Contributos do estudo da interacção mãe-filho para a intervenção precoce. In G. Portugal (Ed.), *Ideias, projectos e inovação no mundo das infâncias – O percurso e a presença de Joaquim Bairrão* (pp. 127-140). Aveiro: Universidade de Aveiro.

Fuertes, M., Lopes dos Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2006). More than maternal sensitivity shapes attachment: Infant coping and temperament. *Annals New York Academy of Science, 1094*, 292-296. doi: 10.1196/annals.1376.037

Fuertes, M., Lopes-dos-Santos, P., Beeghly, M., & Tronick, E. (2009). Infant coping and maternal interactive behavior predict attachment in a Portuguese sample of healthy preterm infants. *European Psychologist*, *4*, 320-331. doi: 10.1027/1016-9040.14.4.320

Geiger, B. (1996). *Fathers as primary caregivers.* Westport, CT: Greenwood.

George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1996). *Adult attachment interview.* Manuscrito não publicado. University of California at Berkeley.

George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving behavioral system: A behavioral system approach to parenting. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical application* (2nd ed., pp. 833-856). New York: Guilford Press.

Goossens, F. A., & van IJzendoorn, M. H. (1990). Quality of infants' attachments to professional caregivers: Relation to infant-parent and day-care characteristics. *Child Development, 61*, 832-837. doi: 113BCE7C324D5DE3C55D3F7D873D901?sequence=1

Grossmann, K., & Grossmann, K. E. (1992). Newborn behavior, the quality of early parenting and later toddler-parent relationships in a group of German infants. In J. K. Nugent, B. M. Lester, & T. B. Brazelton (Eds.), *The cultural context of infancy* (pp. 3-38). Norwood, NJ: Ablex.

Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as the pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development, 11*, 307-331. doi: 10.1111/1467-9507.00202

Grossmann, K., Grossmann, K. E., Kindler, H., & Zimmermann, P. (2008). A wider view of attachment and exploration: The influence of mothers and fathers on the development of psychological security from infancy to young adulthood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 857-879). New York: Guilford Press.

Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Kindler, H. (2005). Early care and the roots of attachment and partnership representations: The Bielefeld and Regensburg longitudinal studies. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 98-136). New York: Guilford Press.

Gunnar, M., & Donahue, M. (1980). Sex differences in social responsiveness between six months and twelve months. *Child Development, 51*, 262-265. doi: 10.1111/j.1467-8624.1980.tb02538.x

Haviland, J. (1977). Gender-related pragmatics in infants. *Journal of Communication, 27*, 80-84.

Hewlett, B. S. (1992). *Father-child relations: Cultural and biosocial context*. New Jersey: New Brunswick.

Horn, W. F. (2000). Fathering infants. In J. D. Osofsky & H. E. Fitzgerald (Eds.), *WAIMH handbook of infant mental health: Vol. 3. Parenting and child care* (pp. 270-297). New York: Wiley.

Hudson, D. B., Elek, S. M., & Fleck, M. O. (2001). First-time mothers' and fathers' transition to parenthood: Infant care self-efficacy, parenting satisfaction, and infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 24*, 31-43.

Huth-Boks, A. C., Levendosky, A. A., Bogat, G. A., & von Eye, A. (2004). The impact of maternal characteristics and contextual variables on infant-mother attachment. *Child Development*, *75*, 480-496. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00688.x

Jacklin, C. N., DiePietro, J. A., & Maccoby, E. E. (1984). Sex-typing behaviour and sex-typing pressurein child/parent interaction. *Archives of Sexual Behavior*, *13*, 413-425. doi: 10.1007/BF01541427

Kane, P., & Garber, J. (2004). The relations among depression in fathers, children's psychopathology, and father-child conflict: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review, 24*, 339-360. doi: 10.1016/j.cpr.2004.03.004

Klein, S. B., Astrachan, J. H., & Smyrnios, K. X. (2005). The F-PEC scale of family influence: Construction, validation, and further implication for theory. *Entrepreneurship Theory & Practice*, *29*, 321-339.

Lamb, M. E. (1977). Father-infant and mother-infant interaction in the first year of life. *Child Development, 18*, 167-181. doi: 10.1111/j.1469-7610.1982.tb00063.x

Lamb, M. E. (1981). The development of infant-father relationships. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 458-488). New York: Wiley.

Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica, 10*, 19-34.

Lamb, M. E. (Ed.). (1997). *The role of the father in child development*. New York: Wiley.

Lamb, M. E. (2012). Mothers, fathers, families, and circumstances: Factors affecting children's adjustment. *Applied Developmental Science, 16*, 98-111. doi: 10.1080/10888691.2012.667344

Lamb, M. E., & Lewis, C. (2004). The development and significance of father-child relationships in two-parent families. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (4th ed., pp. 272-306). Hoboken, NJ: Wiley.

Lamb, M. E., & Oppenheim, D. (1989). Fatherhood and father-child relationships: Five years of research. In S. H. Cath, A. Gurwitt, & L. Gunsberg (Eds.), *Fathers and their families* (pp. 11-26). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Langlois, J. H., & Downs, A. C. (1980). Mothers, fathers, and peers as socialization agents in sex-type play behaviors in young children. *Child Development*, *51*, 1217-1247.

Laurent, H. K., Kim, H. K., & Capaldi, D. M. (2008). Prospective effects of interparental conflict on child attachment security and the moderating role of parents' romantic attachment. *Journal of Family Psychology, 22*, 377-388. doi: 10.1037/0893-3200.22.3.377

Leaper, C. (2000). Gender, affiliation, assertion, and the interactive context of parent-child play. *Developmental Psychology, 36*, 381-393. doi: 10.1037/0012-1649.36.3.381

Levine, L. V., Tuber, S. B., Slade, A., & Ward, M. J. (1991). Mothers' mental representations and their relationship to mother-infant attachment. *Bulletin of the Menninger Clinic, 55*, 454-469.

Lewis, S. N., West, A. F., Stein, A., Malmberg, L.-E., Bethell, K., Barnes, J., Sylva, K., Leach, P., & The Families, Children and Child Care (FCCC) project team. (2009). A comparison of father-infant interaction between primary and non-primary care giving fathers. *Child: Care, Health and Development, 35*, 199-207. doi: 10.1111/j.1365-2214.2008.00913.x

Lopes dos Santos, P., & Fuertes, M. (2005). Vinculação em populações especiais. In J. Bairrão (Coord.), *Desenvolvimento: Contextos familiares e educativos* (pp. 172-199). Porto: Livpsi.

Lucassen, N., Tharner, A., Van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., Volling, B. L., Verhulst, F. C., & Tiemeier, H. (2011). The association between paternal sensitivity and infant father attachment security: A meta-analysis of three decades of research. *Journal of Family Psychology*, *25*, 986-992. doi: 10.1037/a0025855

Lyons-Ruth, K., Connell, D., Zoll, D., & Stahl, J. (1997). Infants at social risk: Relations among infant maltreatment, maternal behavior, and infant attachment behavior. *Developmental Psychology*, *23*, 223-232. doi: 10.1037/0012-1649.23.2.223

Lytton, H., & Romney, D. M. (1991). Parents' differential socialization of boys and girls: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 109*, 267-296. doi: 10.1093/jpepsy/9.2.131

MacDonald, K., & Parke, R. (1986). Parent-child physical play: The effects of sex and age of children and parents. *Sex Roles*, *15*, 367-378. doi: 10.1007/BF00287978

Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of a new, insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95-124). Norwood, NJ: Ablex.

Main, M., & Weston, D. (1981). The quality of the toddler's relationship to mother and father: Related to conflict behavior and the readiness to establish new relationships. *Child Development, 52*, 932-940. doi: 10.2307/1129097

Malatesta, C. Z., Culver, C., Tesman, J. R., & Shepard, B. (1989). The development of emotion expression during the first two years of life. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 54*, 1-103.

Manlove, E. E., & Verno-Feagans, L. (2002). Caring for infants, daughters and sons in dual-earner households: Maternal reports of father involvement in weekday time and tasks. *Infant and Child Development, 11*, 305-320. doi: 10.1002/icd.260

Martins, C., & Graffan, E. A. (2000). Effects of early maternal depression on infant-mother attachment: A meta-analytic investigation. *Journal of Child Psychiatry and Psychiatry, 41*, 737-746. doi: 10.1017/S0021963099005958

Menaghan, E. G. (1983). Individual coping efforts: Moderators of the relationship between life stress and mental health outcomes. In H. B. Kaplan (Ed.), *Psychosocial stress: Trends in theory and research* (pp. 157-191). New York: Academic Press.

Michale, J. P. (2007). When infants grow up in multiperson relationship system. *Infant Mental Health Journal, 28*, 370-392. doi: 10.1002/imhj.20142

Mills-Konce, W. R., Gariépy, J., Propper, C., Sutton, K., Calkins, S., Moore, G., & Cox, M. (2007). Infant and parent factors associated with early maternal sensitivity: A caregiver-attachment systems approach. *Infant Behavior & Development*, *30*, 114-126. doi: 10.1016/j.infbeh.2006.11.010

Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2010). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: A especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Lisboa: FCT / Gulbenkian.

Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., Torres, N., & Fernandes, M. (2010). The organization of children's secure base behaviour in two-parent Portuguese families and father's participation in child-related activities. *European Journal of Developmental Psychology, 7,* 545-560. doi: 10.1080/17405620902823855

Moran, G., Forbes, L., Evans, E., Tarabulsy, G. M., & Madigan, S. (2008). Both maternal sensitivity and atypical maternal behavior independently predict attachment security and disorganization in adolescent mother-infant relationships. *Infant Behavior & Development, 31*, 321-325. doi: 10.1016/j.infbeh.2007.12.012

Morris, D. (1980). *Infant attachment and problem solving in the toddler: Relations to mother's family history*. Unpublished doctoral dissertation, University of Minnesota.

National Institute of Child Health and Human Development (NICHD) Early Child Care Research Network. (2000). The relation of child care to cognitive and language development. *Child Development, 71*, 960-980.

Neville, B., & Parke, R. D. (1979). Waiting for paternity: Interpersonal and contextual implications of the timing of fatherhood. *Sex Roles, 37*, 45-59. doi: 10.1023/A:1025636619455

Olrick, J. T., Pianta, R. C., & Marvin, R. S. (2002). Mother's and father's responses to signals of children with cerebral palsy during feeding. *Journal of Developmental and Physical Disabilities, 14*, 1-17. doi: 10.1023/A:1013537528167

Parke, R. D. (1995). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Status and social conditions of parenting* (vol. 3, pp. 27-63). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Parke, R. D., & Buriel, R. (1998). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In N. Eisenberg (Vol. Ed.) & W. Damon (Series Ed.), *Handbook of child psychology. Vol. 3: Social, emotional, and personality development* (5th ed., pp. 463-552). New York: Wiley.

Parke, R. D., & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, R. M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology. Social, emotional, and personality development* (pp. 429-504). New York: Wiley.

Parke, R. D., Coltrane, S., Duffy, S., Burriel, R., Dennis, J., Powers, J. et al. (2004). Economic stress, parenting and child adjustment in Mexican American and European American families. *Child Development, 75*, 1632-1656. doi: 10.1111/j.1467-8624.2004.00807.x

Parke, R. D., & Sawin, D. B. (1976). The father's role in infancy: A reevaluation. *The Family Coordinator, 25*, 365-379.

Parke, R. D., & Tinsley, B. R. (1981). The father's role in infancy: Determinants of involvement in caregiving and play. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (2nd ed., pp. 429-457). New York: Wiley.

Pederson, D. R., Gleason, K. E., Moran, G., & Bento, S. (1998). Maternal attachment representations, maternal sensitivity, and the infant-mother attachment relationship. *Developmental Psychology*, *34*, 925-933. doi: 10.1037//0012-1649.34.5.925

Pederson, D. R., & Moran, G. (1996). Expressions of the attachment relationship outside of the strange situation. *Child Development*, *67*, 915-927. doi: 10.1111/j.1467-8624.1996.tb01773.x/abstract

Phares, V. (1996). *Fathers and developmental psychopathology*. New York: Wiley.

Poehlmann, J., & Fiese, B. H. (2001). The interaction of maternal and infant vulnerabilities on developing attachment relationships. *Development and Psychopathology, 13*, 1-11. doi: 10.1017/S0954579401001018

Pordata. (2014). *Portuguese National Statitics*. Web site. Acedido Abril, 12, 2012 em http://www.pordata.pt/Portugal

Power, T. G. (1985). Mother- and father-infant play. A developmental analysis. *Child Development, 56*, 1514-1524. doi: 10.1111/1467-8624.ep7252411

Power, T. G., McGrath, M. P., Hughes, S. O., & Manire, S. H. (1994). Compliance and self-assertion: Young children's responses to mothers *versus* fathers. *Developmental Psychology, 30*, 980-989. doi: 10.1016/S0163-6383(83)90256-4

Power, T. G., & Parke, R. D. (1983). Patterns of mother and father play with their 8 month old infant: A multiple analysis approach. *Infant Behavior and Development, 6*, 453-459. doi: 10.1016/S0163-6383(83)90256-4

Prado, A. B., & Vieira, M. L. (2003). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. *Revista de Ciências Humanas, 34*, 313-334.

Radke-Yarrow, M., Cummings, E., Kuckzinsky, L., & Chapman, M. (1985). Patterns of attachment in two and three year olds in normal families and families with parental depression. *Child Development, 56*, 884-893.

Raikes, H. A., & Thompson, R. A. (2005). Links between risk and attachment security: Models of influence. *Applied Developmental Psychology*, *26*, 440-455. doi: 10.1016/j.appdev.2005.04.003

Ramchandani, P., Stein, A., Evans, J., & O'Connor, T. G. (2005). Paternal depression in the postnatal period and child development: A prospective population study. *Lancet*, *365*, 2201-2205. doi: 10.1016/S0140-6736(05)66778-5

Raver, C. C. (2003). Does work pay psychologically as well as economically? The role of employment in predicting depressive symptoms and parenting among low-income families. *Child Development, 74*, 1720-1736. doi: 10.1046/j.1467-8624.2003.00634.x

Repetti, R. L., & Wood, J. (1997). Effects of daily stress at work on mothers' interactions with preschoolers. *Journal of Family Psychology, 11*, 90-108. doi: 10.1037/0893-3200.11.1.90

Rohner, R. P., & Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of General Psychology, 5*, 382-405.

Rooparine, J. L., Fouts, H. N., Lamb, M. E., & Lewis-Elligan, T. Y. (2005). Mothers' and fathers' behavior toward their 3-to-4 month-old infants in lower, middle, and upper socioeconomic African American families. *Developmental Psychology*, *41*, 723-732. doi: 10.1037/0012-1649.41.5.723

Sagi, A. (1982). Antecedents and consequences of various degrees of paternal involvement in child rearing: The Israeli Project. In M. E. Lamb (Ed.), *Nontraditional families: Parenting and child development* (pp. 205-232). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Sagi, A., Lamb, M. E., Lewkowicz, K. S., Shoham, R., Dvir, R., & Estes, D. (1985). Security of infant-mother, -father, and -metapelet attachments among kibbutz-reared Israeli children. *Monographs of the Society for Research on Child Development, 50*, 257-275.

Schneider Rosen, K., & Rothbaum, F. (1993). Quality of parental caregiving and security of attachment. *Developmental Psychology, 29*, 358-367. doi: 10.1037/0012-1649.29.2.358

Shoppe-Sullivan, S., Diener, M. L., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., McHale, J. L., & Frosh, C. A. (2006). Attachment and sensitivity in family context: The roles of parent and infant gender. *Infant and Child Development*, *15*, 367-385. doi: 10.1002/icd.449

Sigelman, C. K. (1999). *Life-span human development* (3rd ed.). Pacific Grove, CA, USA: Brooks/Cole.

Silva, A. T. B., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2002). Relacionamento pais-filhos: Um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional, 3*, 203-215.

Slade, A. (1987). Quality of attachment and early symbolic play. *Developmental Psychology*, *23*, 78-85. doi: 10.1037/0012-1649.23.1.78

Slade, A., & Cohen, L. J. (1996). The process of parenting and the remembrance of things past. *Infant Mental Health Journal, 17*, 217-238. doi: 10.1002/(SICI)1097-0355(199623)17:3<217::AID-IMHJ3>3.0.CO;2-L

Snow, M. E., Jacklin, C., & Maccoby, E. E. (1983). Sex-of-child differences in father-child interaction at one year of age. *Child Development, 54*, 227-232. doi: 10.1111/j.1467-8624.1983.tb00352.x

Solomon, J., & George, C. (1999). The place of disorganization in attachment theory: Linking classic observations with contemporary findings. In J. Solomon & C. George (Eds.), *Attachment disorganization* (pp. 3-32). New York: Guilford.

Solomon, J., & George, C. (2008). The measurement of attachment security and related constructs in infancy and early childhood. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 383-416). New York: Guilford Press.

Sroufe, L. A. (1996). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years.* Cambridge: Cambridge Studies in Social and Emotional World.

Steele, H., Steele, M., & Fonagy, P. (1996). Associations among attachment classifications. *Child Development, 67*, 541-555. doi: 10.1111/1467-8624.tb01750.x

Tamis-LeMonda, C. S., & Bornstein, M. H. (1991). Social pretense play in toddlers: Parallels with social play and with solitary pretense. *Child Development*, *60*, 77-84.

Tarabulsy, G. M., Bernier, A., Provost, M. A., Maranda, J., Larose, S., Moss, E., Larose, M., & Tessier, R. (2005). Another look inside the gap: Ecological contributions to the transmission of attachment in a sample of adolescent mother-infant dyads. *Development Psychology, 41*, 212-224. doi: 10.1037/0012-1649.41.1.212

Tomlinson, M., Cooper, P., & Murray, L. (2005). The mother-infant relationship and infant attachment in a South African peri-urban settlement. *Child Development, 76*, 1044-1054. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00896.x

van IJzendoorn, M. H. (1992). Intergenerational transmission of parenting: A review of studies in nonclinical populations. *Developmental Review, 12*, 76-99. doi: 10.1016/0273-2297(92)90004-L

van Ijzendoorn, M. H., Juffer, F., & Klein Poelhuis, C. V. (2005). Adoption and cognitive development: A meta-analytic comparison of adopted and non-adopted children's IQ and school performance. *Psychological Bulletin, 131,* 301-316. doi: 10.1037/0033-2909.131.2.301

van IJzendoorn, M. H., & Kroonenberg, P. (1988). Cross-cultural patterns of attachment: A meta-analysis of the strange situation. *Child Development, 59*, 147-156. doi: 10.2307/1130396

van IJzendoorn, M. H., & Sagi, A. (2008). Cross-cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 880-905). New York: Guilford Press.

Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: A vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J. C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *O caderno do bebé* (pp. 73-85). Lisboa: Fim de Século.

Veríssimo, M., Santos, A. J., Vaughn, B. E., Torres, N., Monteiro, L., & Santos, O. (2011). Quality of attachment to father and mother and number of reciprocal friends. *Early Child Development and Care, 181*, 27-38. doi: 10.1080/03004430903211208

Vershueren, K., & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergartners: Differential and combined effects of attachment to mother and father. *Child Development*, *70*, 183-201. doi: 10.1111/1467-8624.00014

Volling, B. L., & Belsky, J. (1992). Infant father and marital antecedents of infant-father attachment security in dual-earner and single-earner families. *International Journal of Behavioral Development*, *15*, 83-100. doi: 10.1177/016502549201500105

Volling, B. L., McElwain, N. L., Notaro, P. C., & Herrea, C. (2002). Parents' emotions availability and infant emotional competence: Predictors of parent-infant attachment and emerging self-regulation. *Journal of Family Psychology*, *16*, 447-465. doi: 10.1037/0893-3200.16.4.447

Ward, M. J., & Carlson, E. A. (1995). Associations among adult attachment representations, maternal sensitivity, and infant mother attachment in a sample of adolescent mothers. *Child Development, 66*, 69-79. doi: 10.1111/j.1467-8624.1995.tb00856.x

Waters, E., Vaughn, B. E., & Egeland, B. R. (1980). Individual differences in infant-mother attachment relationships at age one: Antecedents in neonatal behavior in an urban, economically disadvantaged sample. *Chid Development, 51*, 208-215.

Weinberg, M. K., Tronick, E. Z., Cohn, J. F., & Olson, K. L. (1998). *Gender differences in synchrony, and rate of repair in mother-infant interaction*. Conference of Infant Studies, Atlanta, Georgia, April 2.

Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (2008). Individual differences in infant-caregiver attachment: Conceptual and empirical aspects of security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 78-101). New York: Guilford Press.

Wilson, S. B., & Durbin, C. E. (2010). Effects of paternal depression on fathers' parenting behaviors: A meta-analytic review. *Clinical Psychology Review*, *30*, 167-180. doi: 10.1016/j.cpr.2009.10.007

Yeung, W. J., Sanderberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal Marriage Family, 63*, 136-154. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00136.x

Yogman, M. W. (1982). Observations on the father-infant relationships. In S. H. Cath, A. Burwitt, & J. M. Ross (Eds.), *Father and child* (pp. 101-122). Boston: Little, Brown.

In this revision, we aim to explore the maternal and paternal roles in the establishment of attachment and in the quality of interaction between parents (mothers and fathers) and children in the first two years of their lives. Several studies using the Strange Situation indicate that secure attachment is more frequent in mother-child dyads than in parent-child dyads, and that mothers tend to be more sensitive than parents in free play interactions. However, a variety of studies, methods and results allow us reinterpret fathers performance. Additionally, most of the sensitivity measures were developed in studies with mother-child dyads. Therefore, one can wonder if the diversity of parents' behavior and parent-child relationship are described in such scales. In order to understand and discuss maternal and paternal differences we need to take in consideration the broader context of family relationships.

Key-words: Attachment, Play, Mother-infant and father, Interactions.

Submissão: 27/04/2014 *Aceitação:* 26/06/2014

Copyright of Análise Psicológica is the property of Instituto Superior de Psicologia Aplicada and its content may not be copied or emailed to multiple sites or posted to a listserv without the copyright holder's express written permission. However, users may print, download, or email articles for individual use.